

VER, OUVIR E SENTIR: a experiência com a “literatura e arte”¹ para (re)pensar a educação etnicorracial no cotidiano escolar

Edlene Cavalcanti Santos
Roseane Maria de Amorim
Lílian Bárbara Cavalcanti Cardoso

INTRODUÇÃO

A partir da Lei 10.635/2003, foi instituída a obrigatoriedade da cultura africana e afro-brasileira nos currículos obrigatórios da educação básica. Tal legislação também instituiu o dia 20 de novembro como o dia da Consciência Negra e Zumbi como herói nacional. Por sua vez, a Lei 11.645/2008 incluiu a temática indígena também como conteúdo obrigatório do currículo escolar. Todas essas medidas têm tido implicações para a formação de professores e professoras.

Não podemos esquecer, indubitavelmente, que esses avanços foram frutos dos movimentos sociais (especialmente do Movimento Negro e Indígena). Nesse processo, temos apostado numa educação etnicorracial que valorize a diversidade de sujeitos e povos que fizeram e fazem parte da sociedade brasileira (SANTOS, 2012).

Nesse sentido, indagamos: como a arte pode favorecer um trabalho pautado numa educação para a diversidade? Partimos do pressuposto de que a implementação da discussão da educação etnicorracial vai necessitar de docentes comprometidos com essa temática, além de conhecimentos específicos sobre tal questão para efetivar na prática docente um trabalho que rompa com o preconceito e o racismo.

Por isso que (re)pensar, talvez seja, uma daquelas palavras mágicas que precisamos trazer para a nossa vida na contemporaneidade. (Re)pensar quem somos, os nossos valores, a forma como nos relacionamos com as pessoas, o que queremos enquanto educadores e educadoras. Entretanto, pensar o presente e o futuro, sem voltarmos o olhar para o passado, é correr o risco de não aprendermos com as experiências vividas por nós e pelas outras pessoas. É dentro desse contexto que indagamos: qual é a finalidade do processo educativo? Que sociedade

¹ Estamos separando literatura da arte somente por uma questão didática. Queremos deixar claro para os leitores que a literatura é uma forma de arte.

queremos daqui para frente? Com certeza não é esta que temos. Precisamos construir um mundo no qual as pessoas saibam viver com as diferenças e tenham relações pautadas na ética e no compromisso social.

Este texto tem por objetivo apresentar algumas considerações sobre o papel da literatura e da arte como elemento essencial para repensar a educação etnicorracial e conseqüentemente as relações entre as pessoas. O artigo é fruto de uma experiência projetada para ser discutida no Congresso Acadêmico realizado pela Universidade Federal de Alagoas em 2014.

MATERIAL E METODOLOGIA

O referido trabalho parte das ideias de Freire que pensa a educação como locus de troca e interação. Nesse sentido, o nosso trabalho tem como foco metodológico o diálogo, a pesquisa e as trocas de conhecimento. Para isso, utilizamos obras de literatura e do Mestre Zumba.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com base em Vygotsky, Henriques (2012, p. 321) salienta que a força da obra de arte “não se encontra no que o autor subteu por ela.” Mas, sim, na recriação realizada pelo leitor que a interpreta de diferentes perspectivas. Em outras palavras, há uma multiplicidade de possíveis interpretações e de modo de encarar uma obra de arte. Outro ponto salientado por esse autor é que nenhuma obra de arte existe sem o leitor. É possível recriar com a própria alma a obra alheia por meio das suas experiências como sujeitos encarnados que têm sua própria experiência de vida.

Bondia (2002, p. 20-21), ao escrever o artigo *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*, nos propõem pensar “a educação a partir do par experiência/sentido”. Para ele, a palavra tem poder, tem força, nos constrói ou nos destrói, “fazemos coisas com as palavras, e também, as palavras fazem coisas conosco” (p. 21). Daí a importância da literatura, pois ela nos faz pensar sobre o mundo que nos cerca e sobre nós mesmos. Ela tem o poder de nos tocar. Ainda o supracitado autor argumenta: “e pensar, não é somente ‘raciocinar’, ou ‘calcular’, ou

‘argumentar’ [...] mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece” (p. 21).

A experiência diz sobre aquilo que nos acontece, nos toca, aquilo que faz sentido para nós. Para Bondia (2002, p. 24),

A experiência requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar, parar para sentir, sentir mais devagar, demorar nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

Nessa perspectiva, o sujeito da experiência, no entendimento do autor acima citado, diz da sua receptividade, da sua capacidade de abertura para fazer o que quase ninguém nos tempos de hoje faz: o construir-se por meio da experiência. O sujeito da experiência tem uma “passividade ativa”. Ele é guiado pela paixão, pela paciência e pela atenção para com ele, com os outros e as situações por eles vivenciadas.

O sujeito da experiência se move por outros caminhos que não sejam os da racionalidade técnica. O caminho da construção para uma nova sociedade, um novo mundo em que as pessoas possam ser éticas, solidárias e responsáveis. Foi pensando sobre as experiências e nos sujeitos da experiência, conforme os dizeres dos autores estudados, que temos nossa proposta de trabalho pautada na literatura e na arte plástica.

O primeiro momento do trabalho foi estabelecido a partir da receptividade do grupo, por meio da recitação de um poema voltado para a cultura negra *Canto a Amada* (Solano Trindade). Solicitamos aos participantes que dissessem uma palavra a partir da escuta do poema e o seu nome. Realizamos também a leitura do conto *Galinha de Angola*, do livro *Outros contos africanos*, de Rogério Andrade Barbosa, no qual é salientada a **atitude** da galinha de angola, a sua coragem, o que nos leva a pensar como devemos ter atitude diante da injustiça e do maltrato com o nosso semelhante

Para Barbosa (2006), os contos africanos não são apenas lendas criadas. São narrativas contadas para divertir, educar, socializar, aprender as tradições passadas de geração a geração. Por isso é possível dizer que a educação das

relações etnicorraciais exige que tenhamos experiências de aprendizagem que nos toquem, nos motivem a nos relacionar com o outro sem preconceito e nos façam aprender sobre o continente africano de várias maneiras. .

Fizemos também uma incursão na obra do Mestre Zumba, do trabalho monográfico de Silva (2014), intitulado “*DA AQUARELA DE UM PINTOR NEGRO PARA O ATELIÊ DA HISTÓRIA: a arte de Mestre José Zumba e suas contribuições para a educação alagoana e brasileira como representação do seu tempo*”. Silva (2014, p.18), em sua obra, salienta o seguinte:

É a partir desse ponto de vista que conhecer e estudar as obras de Mestre Zumba é um exemplo de como a arte alagoana pode ser incluída nos currículos e atividades das escolas alagoanas, pois além de pintura, Zumba mostrou em suas obras a identidade alagoana e sua afroidentidade em seus quadros, através do seu olhar para as culturas alagoanas, das paisagens e para as pessoas, especialmente negras e negras.

Lemos e partilhamos ideias também do livro *História de Preta* (1998), de Heloísa Pires, com Ilustração de Laura Beatriz, e do livro *História africana para contar e recontar*, também de Rogério Andrade Barbosa. Realizamos algumas discussões teóricas sobre literatura e arte e lemos um livro de literatura, *O fio azul e o fio encarnado na trama da vida*, de Manuel Luiz Cerqueira Filho. Reunidos em grupos, refletimos sobre Questões da Educação Etnicorracial, a exemplo dos dilemas profissionais dos docentes e a Lei 10.639 e a implicação sobre: que saberes pedagógicos os docentes têm acumulado ao longo da sua formação. Além disso, foram levantados questionamentos, a saber: as políticas afirmativas e as políticas de reposição em educação estão mobilizando as experiências educacionais dos docentes nas relações etnicorraciais em educação? Quais recursos estão relacionados às condições docentes para/ou que deem condições ao trabalho nas questões etnicorraciais? Qual é o discurso e qual é a realidade do comportamento administrativo na constante cobrança de resultados nas avaliações quanto à temática trabalhada em sala de aula? E Quais concepções de educação têm os docentes para a igualdade e para a diversidade? Para que Currículo? E a Legislação? Igualdade X Diferença; concluímos esta reflexão com uma apresentação em plenária. Por fim, entregamos a cada participante um provérbio africano escrito para que cada um realizasse uma leitura coletiva e assistimos ao vídeo *Os setes sapatos sujos*, de Mia Couto.

CONCLUSÃO

Entendemos que precisamos desaprender coisas que aprendemos ao longo da vida, para termos espaço para as coisas novas. A educação das relações etnicorraciais vai exigir de nós outras posturas diante do mundo e das pessoas. Por isso, dizemos que precisamos ver, ouvir e sentir novas experiências para repensarmos o que somos e o que queremos.

REFERÊNCIAS

BONDIA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação.** Tradução de João Wanderley Geraldi. Jan/Fev/Mar/Abr, n.19, 2012. p. 20-28.

BARBOSA, Rogério Andrade. **Outros contos africanos.** Ilustração de Maurício Veneza. São Paulo: Paulinas, 2011.

_____. **História africana para contar e recontar.** Rogério Andrade Barbosa; Ilustração de Maurício Veneza. São Paulo: Paulinas, 2011.

FILHO, Manuel Luiz Cerqueira. **O fio azul e o fio encarnado na trama da vida.** Recife, Bagaço, 2008.

HENRIQUES, Eda Maria de Oliveira. Textos literários e a formação do professor: novas possibilidades de narrar. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 32, n. 88,p.319-334, set.-dez. 2012.

SILVA, Beatriz Araújo da. **Da aquarela de um pintor negro para o ateliê da história:** a arte de Mestre José Zumba e suas contribuições para a educação alagoana e brasileira como representação do seu tempo. f 53. Monografia apresentada ao curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2014.

SANTOS, Lorene dos. Ensino de história e cultura africana e afro-brasileira: dilemas e desafios da recepção à Lei 10.639/03. In: PEREIRA, Amilcar Araújo; MONTEIRO, Ana Maria. **Ensino de História e culturas afro-brasileiras e indígenas.** Rio de Janeiro, Pallas, 2012.